

A FUNÇÃO DO PROFESSOR COMO MULTIPLICADOR DE LEITORES NO ENSINO SUPERIOR

Eliane de Fátima Manenti Rangel¹

Ao utilizar o processo de leitura deve-se também mobilizar aspectos não só linguísticos, mas também aspectos cognitivos e sociais, três dimensões indissociáveis na linguagem. Essa visão depende diretamente de como se considera a linguagem. Segundo Travaglia (2002, p. 21-23) a linguagem apresenta três concepções: linguagem como expressão do pensamento, como instrumento de comunicação e como processo de interação.

A terceira visão de linguagem é a mais relevante porque reflete um ensino produtivo de língua, já que o ensino normativo e descritivo não tem dado conta do que o indivíduo pode realmente fazer ao usar a língua. Para atingir resultados positivos, deve-se priorizar um ensino produtivo de língua que desenvolva as potencialidades em termos de competência linguística, trabalho que deve ser pautado pelo desenvolvimento de estratégias de leitura associado a uma abordagem de diferentes gêneros textuais.

Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo discutir aspectos essenciais ao desenvolvimento do processo de leitura e divulgar as alterações da prática de leitura dos acadêmicos do curso de Letras da Unifra, mostrando um aumento do hábito da leitura entre os universitários ingressantes no primeiro semestre comparados aos alunos concluintes do oitavo semestre.

1 Algumas considerações sobre leitura

Sabe-se que o hábito da leitura aprimora o desenvolvimento da capacidade cognitiva do ser humano, colabora para a reflexão e expressão do pensamento, promovendo a habilidade para argumentação tanto escrita quanto oral. Além disso, a prática da leitura é essencial em todas as áreas do conhecimento e em todos os níveis de educação. Por isso, ela deve começar desde as primeiras séries e estender-se para além do ensino superior, já que fornece subsídio para a formação continuada para profissional de qualquer área do conhecimento.

¹ Centro Universitário Franciscano (UNIFRA) / Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Segundo Kleiman (1997), o conhecimento prévio do leitor é indispensável no momento da leitura, pois ajuda na compreensão e interpretação, quando ativado. A autora destaca ainda o conhecimento linguístico, o conhecimento textual e o conhecimento de mundo², os quais integram o prévio. Todos esses conhecimentos são ativados durante a leitura para uma compreensão efetiva. Caso um desses conhecimentos falhe, automaticamente outro é ativado. Assim, ler implica uma atividade de busca nas lembranças e conhecimentos armazenados na memória, os quais ajudam na construção da coerência textual.

Assim, o processo de leitura vai muito além da decodificação. Para compreender o sentido das palavras e do mundo representado pelo viés da escrita, é necessário relacionar as informações do texto com a realidade, na busca por objetivos e na compreensão de ideias tanto concretas quanto abstratas.

Com base no exposto acima, o papel do professor como multiplicador de leitores pode facilitar o processo, promovendo diferentes estratégias de leitura como, por exemplo, ativar o conhecimento prévio do aluno; distinguir o essencial do que é pouco relevante; determinar o objetivo da leitura; criar expectativas ou, ainda, incentivar o aluno a fazer previsões ou hipóteses.

Pode-se perguntar se é possível ensinar o aluno a ler, compreender e interpretar. A resposta é complexa, porque, na verdade, por trata-se de um processo cognitivo, depende também do engajamento do estudante, mas o professor pode mediar esse processo que é longo e deve ser permanente. Contudo, o estudante, por sua vez, deve entender que é um processo de construção que depende muito dele. Na concepção de Kleiman, ensinar a ler é:

criar uma atitude de expectativa prévia com relação ao conteúdo referencial do texto, isto é, mostrar à criança que quanto mais ela prever o conteúdo, maior será sua compreensão; (...) é ensinar a utilização de múltiplas fontes de conhecimento – linguísticas, discursivas, enciclopédicas (...) é ensinar, antes de tudo, que o texto é significativo (...) criar uma atitude que faz da leitura a procura pela coerência. (KLEIMAN, 2004:151.)

Contribuindo para essa reflexão, Wallace destaca alguns questionamentos que devem ser feitos na leitura de qualquer gênero textual. Entre eles: “Quem está escrevendo o texto?; Para quem se está escrevendo?; Por que esse tópico foi abordado?;

² Para maiores detalhes sobre conhecimento linguístico, textual e de mundo ler **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura de Angela Kleiman, 1997, conforme descrito nas referências bibliográficas.

Como esse tópico foi abordado?; De que outra maneira esse tópico poderia ter sido abordado?” (WALLACE,1992:71.) Obviamente que somente essas perguntas não levarão o leitor a uma leitura crítica. Para isso, é preciso compreender também a intenção e a ideologia daquele que fala ou escreve, uma vez que o texto apresenta-se impregnado dos princípios, valores e crenças de seu produtor.

No ensino médio, segundo Solé (SOLÉ, 1998), a leitura parece seguir dois caminhos distintos dentro da sala de aula. Um deles objetiva-se que os jovens melhorem sua habilidade de leitura e se familiarizem com a literatura. O outro procura mostrar aos alunos que eles devem utilizar a leitura para ter acesso a novos conteúdos de aprendizagem, o que os beneficiaria na continuação de seus estudos, principalmente no ensino superior.

Por essa, entre outras razões, a leitura deve ser incentivada e desenvolvida, pois se trata de um processo muito importante para a formação geral, para que ao ingressarem na universidade, os alunos sintam-se preparados, ao contrário do que se tem presenciado: grandes dificuldades para realizar as leituras que são exigidas nas mais diversas disciplinas.

Nesse sentido, para Bamberger (BAMBERGER, 1998:24), o ensino da leitura deveria seguir os seguintes propósitos: incentivar o indivíduo em sua leitura, de modo a levá-lo a sua autorrealização; empregar a leitura como um instrumento de aprendizagem e crítica, e também de diversão; ampliar constantemente os interesses de leitura dos alunos; estimular atitudes que levem a um gosto pela leitura e para outros fins.

Com o hábito da leitura, permite-se o exercício da reflexão, estimula-se a criatividade, incorpora-se conhecimentos e saberes. Os livros colocam o leitor em outros tempos, lugares e em outras culturas. Nesse sentido, Bamberger afirma que

quando um leitor compreende o que lê, está aprendendo; à medida que a sua leitura o informa, permite que se aproxime do mundo de significados de um autor e lhe oferece novas perspectivas ou opiniões sobre determinados aspectos... a leitura nos aproxima da cultura, ou melhor de múltiplas culturas e, neste sentido, sempre é uma contribuição essencial para a cultura própria do leitor. (BAMBERGER,1998: 46.)

Pode-se dizer que há uma relação intrínseca entre a leitura e as práticas universitárias, pois a leitura proporciona um melhor desempenho para os indivíduos. A universidade enquanto instituição formadora assume um compromisso com os

acadêmicos, privilegiando a leitura e, conseqüentemente, a formação do leitor, uma vez que a maioria dos estudantes que chegam ao ensino superior não está preparada para realizar leituras teóricas e críticas, ou seja, os estudantes não são leitores proficientes.

Feres (2008) levanta algumas hipóteses em relação à deficiência da prática pedagógica em relação à leitura, isto é, do jeito que tem sido feita, não estimula a reflexão, não provoca o aluno com atividades instigantes. Na maioria das vezes, a criticidade não é encorajada; trabalha-se, muitas vezes, com “informação pronta”; de tal forma que o aluno não sabe diferir “conhecimento” de “sabedoria”, pois a informação é facilmente encontrada.

Nesse sentido, Geraldi (2006), destaca, complementando a ideia de Feres, que os alunos não leem os textos, fazem exercícios de interpretação de textos de forma automática e sem reflexão. E isso se trata de uma simulação de leitura. Dessa forma, o processo de ensino-aprendizagem de leitura é muito artificial.

Contudo, há várias possibilidades de desenvolver o processo de leitura. Geraldi (GERALDI, 2006: 92) enfatiza algumas posturas diante de textos. Pode-se usar a leitura para extrair informações de notícias jornalísticas ou de textos literários, a fim de se informar como eram os hábitos ou costumes de uma determinada época, por exemplo. A leitura também pode ser para o estudo do texto, em que se pode explorar a tese defendida pelo autor, os argumentos e os contra-argumentos, além de verificar se há coerência entre os argumentos e a tese. Outra possibilidade é a leitura como fruição, ou seja, o leitor lê apenas por prazer.

Uma outra postura, um tanto contraditória entre alguns teóricos e profissionais, é a leitura como pretexto. O autor ressalta que se pode transformar o texto original em dramatização, transformar poema em prosa, desenhar ou produzir outros textos como resposta. Segundo Geraldi “a leitura do texto como pretexto para outra atividade define a própria interlocução que se estabelece. (...) é preciso retirar os textos dos sacrários, dessacralizando-os com nossas leituras, ainda que venham marcadas por pretextos” (Idem. Ibidem: 97).

2 Metodologia

Neste trabalho, foram verificadas as alterações do hábito de leitura dos alunos ingressantes e formandos do curso de Letras da Unifra. Isso foi constatado por meio do

corpus: dois questionários³. Vale ressaltar que neste trabalho, será feito um recorte devido aos limites de tempo e espaço.

O primeiro questionário foi aplicado no início de 2009, para 25 alunos ingressantes no curso, e o segundo, aplicado em agosto, para 16 alunos formandos. As perguntas dos questionários foram respondidas por ordem de interesse de 1 a 5 para os seguintes elementos: revista científica, livros didáticos, jornal, páginas da *internet* para pesquisa escolar e obras literárias. As perguntas foram:

- 1) Quais os tipos de leitura de caráter informativo, realizadas antes e depois do ingresso na universidade?
- 2) Em média, qual a frequência de leitura realizada durante a semana antes e depois o ingresso na universidade, em número de horas aproximadas?
- 3) Quais as leituras de entretenimento antes e depois do ingresso na universidade?
- 4) Em que momento do dia ou da semana ocorria e ocorre a leitura mais frequentemente?

Após a aplicação dos questionários, as respostas dos alunos do 1º e 8º semestres foram comparadas e realizadas algumas conclusões que seguem abaixo.

3 Resultados e discussão

Ao serem comparadas as respostas dos alunos, ressaltam-se algumas alterações significativas, como por exemplo:

Ao entrar na universidade, o percentual de alunos que respondeu que liam obras literárias foi equivalente a 5%. Já, no que se refere aos alunos que estavam se formando naquele semestre, 63% respondeu que liam obras literárias.

Tal diferença em relação ao percentual foi muito significativa e também surpreendente. Mostra o crescimento do hábito de ler obras literárias e a importância do papel dos professores no curso de Letras como multiplicadores de leitores. Segundo Rangel (1990), nenhum equipamento substitui a leitura, mesmo em uma época com tantos recursos audiovisuais, como computadores e projetores de multimídia. Pode-se afirmar que ela (a leitura) é, além de insubstituível, indispensável por tratar-se de um processo que leva à aprendizagem, desde as séries iniciais até cursos de pós-graduação.

³ Os questionários foram aplicados pela orientanda Diane Carginin Stefanello do curso de Especialização em Língua Portuguesa.

Em relação ao número de horas dedicadas à leitura, apenas 8 % dos alunos do primeiro semestre respondeu que liam por mais de 4 horas durante a semana. Já 37 % dos alunos do oitavo semestre utilizavam mais de 4 horas semanais dedicadas à leitura. Esse percentual é bem significativo, se comparado ao resultado dos alunos do 1º semestre. Isso mostra que um grande percentual dos alunos está consciente da importância da leitura, que é a base para uma boa escrita e articulação das ideias, além de enriquecer o vocabulário do leitor.

Contudo, não se deve ler somente para escrever algo e, sim, ler para enriquecer-se culturalmente, ler como fruição, conforme destaca Geraldi (2006). Ler implica ter objetivos, questionar-se e refletir sobre a ideologia que está por trás do tema e planejar a própria prática leitora.

Em relação ao horário em que os alunos realizavam as leituras, pôde-se perceber que ao ingressar no ensino superior, o percentual correspondente aos acadêmicos que liam nos finais de semana era de 20%. Enquanto que 34% dos alunos formandos respondeu que utilizavam os finais de semana para realizarem leituras.

O aumento deste percentual também é relevante e justifica-se porque alguns alunos não têm tempo de ler durante a semana devido ao fato de que a maioria deles trabalha. Também foi registrado que 40% dos alunos leem à tarde. Somando-se esse percentual com 34% das leituras de finais de semana, tem-se 74%, enquanto que com os acadêmicos do 1º semestre, o percentual total somado é de 40 %. Isso demonstra que os alunos do 8º semestre do curso de Letras passaram a ler muito mais se comparado aos alunos do início do curso. Mais um aspecto favorável em relação ao papel do professor como multiplicador de leitores.

Em relação à pergunta: quais as leituras de entretenimento realizadas?, no oitavo semestre, foi surpreendente que nenhum dos entrevistados respondeu que lê revista sobre moda. Já, em relação aos alunos do 1º semestre, 29% preferem esse tipo de leitura. A hipótese é de que, devido às exigências da vida acadêmica, as alunas, que preferiam ler revista de moda, passaram a ter outros interesses em termos de leitura, dedicando-se mais a leituras teóricas e literárias exigidas pelas disciplinas.

Também em relação à mesma pergunta, tem-se outro resultado significativo. 66% dos alunos formandos prefere ler páginas da *internet* para pesquisa. Esse percentual é bem alto e significativo, sendo o maior de todos, se comparado à tabela dos alunos do 1º semestre, que mostra um percentual de 42%. A hipótese é de que os alunos marcaram esse item como prioridade número 1, levando em conta que utilizam

para busca de informações ou pesquisas acadêmicas e outras atividades, como a troca de *e-mails* entre colegas e professores, além do acesso à página dos professores para buscar conteúdos ou informações, acesso às notas e ao número de faltas via sistema da instituição, o que também comporta uma atividade de leitura.

Considerações finais

O ensino e aprendizagem de leitura deve ser um processo contínuo e mediado pelo professor que tem como papel multiplicar os leitores, tornando-os proficientes. Segundo Geraldi (2006) e Feres (2008), a maioria dos alunos não lê eficientemente os textos, mas de forma automática e sem reflexão. Isso se trata de uma simulação de leitura. Uma deficiência que é levada para o ensino superior.

Nesse sentido, esta pesquisa foi relevante porque revelou a importância do trabalho dos professores do curso de Letras para o desenvolvimento do hábito de ler nos alunos. Antes de ingressarem na universidade, apenas 5% dos alunos tinha como prioridade ler obras literárias e, após o ingresso na universidade, o percentual passou para 63%. Um resultado animador para quem trabalha com a educação, que revela como o professor tem um papel essencial no desenvolvimento do processo de leitura de seus alunos.

Outro aspecto positivo foi em relação ao tempo dedicado à leitura que aumentou significativamente. A pesquisa revelou que os alunos do curso de Letras passaram a ler por muito mais tempo se comparado ao início do curso, havendo um crescimento do hábito de ler principalmente obras literárias e páginas da *internet*. Isso demonstra também que os acadêmicos estão conscientes da importância da leitura, que é a base para aperfeiçoar tanto a oralidade quanto a escrita e a articulação das ideias, além de enriquecê-lo culturalmente. Espera-se que eles levem esse hábito para dentro da sala de aula onde forem atuar.

Para finalizar, enfatiza-se que o processo de leitura desenvolvido no curso de Letras aumenta o hábito e o tempo de leitura. Além disso, modifica os tipos de leituras realizadas pelos alunos, tornando-os profissionais mais capacitados para continuação dos estudos e para desempenhar seu papel de mediador do conhecimento, já que a leitura representa um papel essencial como fonte de informação, formação teórica e cultural.

Referências

- BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito de leitura*. São Paulo: Ática, 1998.
- FERES, Beatriz dos Santos. *Estratégias de leitura, compreensão e interpretação de textos na escola*. www.filologia.org.br. Acesso em 07/3/2008.
- GERALDI, João Wanderley (org.) *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2006.
- KLEIMAN, A. *Leitura: ensino e pesquisa*. Campinas, S. Paulo, 2004.
- KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura*. São Paulo: Pontes, 1997.
- RANGEL, Mary. *Dinâmicas de leitura para sala de aula*. Rio de Janeiro. Vozes, 1990.
- SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- TRAVAGLIA, L.C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. S.Paulo: Cortez, 2002.
- WALLACE, Catherine. Critical literacy awareness in the EFL classroom. In: FAIRCLOUGH, N. *Critical language awareness*. England, Longman, 1992.